

**“ATÉ PORQUE”: ENUNCIADORES QUE ACIONAM CRENÇAS****“ATÉ PORQUE”: ENUNCIATORS THAT MOBILIZE BELIEFS**Vanessa Raini de Santana<sup>1</sup>Sofia Cristina Alexius<sup>2</sup>Aparecida Feola Sella<sup>3</sup>

**RESUMO:** Uma língua em uso permite que novas palavras sejam criadas ou que se imprimam novas funções para palavras já existentes. O caso de “até porque” resulta de uma junção de duas palavras que, em português, têm suas funções e usos demarcados gramaticalmente. Ao analisar inquéritos obtidos com informantes de Foz do Iguaçu, verificou-se a articulação dessas duas palavras para a inserção de justificativa de crenças apresentadas pelos informantes. Assim, traçou-se como objetivo deste artigo a identificação das avaliações de si próprio e dos falantes com os quais informantes inquiridos pelo Projeto de Pesquisa “Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” convivem. A análise de como as crenças dos informantes se constituem é pautada em discussões realizados em duas áreas dos estudos linguísticos: a semântica argumentativa, que norteia o uso do operador em si; e a sociolinguística, que subsidia a análise das crenças e atitudes linguísticas. Assim, conforme análise empreendida, identificou-se que o uso de “até porque” nas respostas dos informantes introduz justificativa para uma resposta por vezes negativa e que indica crenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** enunciadores; crenças; “até porque”.

**ABSTRACT:** A language in use allows that new words to be created or that it gets new functions to existing words. The case of “até porque” is the result from the combination from two words that, in Portuguese, have function and uses grammatically demarcated. When we analyzed interviews from Foz do Iguaçu informants, we verified the articulation of these words to the insertion of beliefs justification presented by the informants. Thus, we traced as objective of this article the identification of how informants see themselves and the speakers in which informants inquired by the Research Project “Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” live with. The analysis of how informants’ beliefs are constituted is based on discussions realizes in two areas of linguistic studies: argumentative semantic, which guides the operator use; and the sociolinguistics, that subsidize the analysis of beliefs and linguistic attitudes. So, according to undertaken analysis, we identified that the use of “até porque” in the informants’ answers introduces justification to an answer sometimes negative and that indicates beliefs.

**KEYWORDS:** enunciators; beliefs; “até porque”.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português/Inglês; Mestre e Doutoranda em Letras pela Unioeste. E-mail: vanessa\_r\_santana@hotmail.com.

<sup>2</sup> Jornalista. Graduada em Letras; Especialista em Linguagem, Cultura e Ensino; Mestre e Doutoranda em Letras pela Unioeste. E-mail: sofialexius@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado e Doutorado em Letras, área de Concentração Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. E-mail: afsella1@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu está imersa em um contexto que mescla a fronteira com a presença de imigrantes. Essa convivência entre falantes de diversas línguas instigou a identificação de como falantes brasileiros, moradores de Foz do Iguaçu, posicionam-se diante do outro. Para isso, buscou-se verificar quais crenças são acionadas em inquéritos realizados pelo Projeto de Pesquisa “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato” (doravante Projeto CAL). O Projeto foi desenvolvido em seis cidades do Paraná que estão em região de fronteira e duas que em que estão presentes comunidades falantes de outras línguas.

Para o desenvolvimento do Projeto, os inquéritos foram direcionados para a visualização de como os informantes se comportam com relação a línguas e culturas diferentes, com o objetivo de identificar avaliações de como os falantes veem a si e ao outro. Isso fez com que emergissem posicionamentos dos falantes envolvidos na pesquisa, direcionados pelas perguntas do questionário.

A análise empreendida neste artigo parte de um recorte bastante específico do *corpus*, em que foram selecionadas quatro unidades discursivas que englobam a utilização de “até porque”, construção selecionada para verificar como são acionadas as crenças dos informantes e sua constituição argumentativa.

O objetivo desta análise é identificar como os informantes utilizam o operador “até porque” nas suas respostas, a fim de mapear o acionamento de crenças positivas ou negativas com relação aos que utilizam línguas diferentes da sua, ou que possuem costumes culturais que destoam do que é vivenciado pelos brasileiros.

Partindo dessas discussões e da hipótese de que o uso do operador “até porque” pode estar atrelado à apresentação das crenças dos informantes nas suas respostas às questões do inquérito aplicado, este artigo está estruturado da seguinte maneira: i. discussão de referencial teórico que norteia a análise pretendida, pautado em estudos gramaticais, da semântica argumentativa e da sociolinguística; ii. apresentação de dados referentes ao Projeto CAL; e iii. análise e discussão de quatro unidades discursivas com “até porque”.

## FUNÇÃO DE “ATÉ PORQUE” E AS CRENÇAS

Embora o uso de “até porque” não esteja prescrito gramaticalmente, trata-se de uma construção que se assemelha ao uso de “porque” em função explicativa, mas que acrescenta

maior ênfase à explicação apresentada. Para Cunha e Cintra (2001, p. 581), as conjunções explicativas, como “porque”, “ligam duas orações, a segunda das quais justifica a idéia contida na primeira”.

Conforme os estudos da semântica argumentativa, conduzidos especialmente por Ducrot (1981, 1987), o uso de elementos que operam argumentativamente no texto permitem que enunciadores sejam acionados para que se construam encadeamentos argumentativos que sirvam ao objetivo traçado pelo locutor.

Para o autor,

o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa ao enunciado, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção (DUCROT, 1981, p. 178).

Ao produzir um enunciado, portanto, há marcas de argumentação que o acompanham e que auxiliam na condução argumentativa proposta. Manobras argumentativas vão sendo construídas a partir da intenção que se tem com o ato enunciativo e o preenchimento do enunciado toma forma com base nos objetivos do locutor.

A tese principal do autor está pautada na afirmação de que a argumentação está inscrita na língua e prevista em sua organização interna, e não algo exterior a ela (DUCROT, 1981). Há mobilizações argumentativas possíveis a partir do uso de determinado encadeamento linguístico, e isso significa que esses encadeamentos são organizados de acordo com a conclusão a que se quer chegar com a realização de um enunciado.

Para entendimento do sentido de “até porque”, busca-se associar o seu uso, enquanto operador argumentativo, à constituição de crenças e atitudes linguísticas. Para essa sondagem, buscou-se orientação em Labov (2008). O autor tratou dos conceitos de diferenciação e avaliação social, e declarou que “os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral” (LABOV, 2008, p. 64-65). Assim, há uma espécie de padronização no que socialmente se estabelece como prestigiado ou não e isso pode ser acionado com o uso de determinados elementos, como é o caso de “até porque”.

Os sentimentos de que trata Labov (2008) podem ser associados ao que Lambert e Lambert (1966, p. 77) tratam como componentes essenciais da atitude: “os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir”. Ainda segundo os autores,

uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam corretamente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78).

Para Moreno Fernández (1998), além de outras funções que podem ser verificadas nas atitudes, elas também

Influenciam decisivamente os processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que a mudança linguística se realize mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variáveis linguísticas se confinem a contextos menos formais e outras predominem nos estilos mais monitorados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono de uma língua ou impedir a difusão de uma variável ou de uma mudança linguística. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).<sup>4</sup>

A relação entre as atitudes linguísticas produzidas pelos falantes de determinada comunidade linguística e a existência ou não de mudanças linguísticas, preservação ou eliminação de uma variável, bem como o uso de uma variável para os diferentes graus de formalidade do discurso pode ser associada às crenças do falante.

Seguindo basicamente essa orientação, os trabalhos desenvolvidos pelo projeto CAL geraram banco de dados que permitem tecer algumas conclusões com relação à visão da cultura do outro em situações de contato cultural e linguístico.

### **PROJETO “CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS EM CONTATO”**

Durante os anos de 2008 e 2009, pesquisadores de universidades estaduais do Paraná desenvolveram o Projeto de Pesquisa “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”. Esse Projeto teve como objetivo produzir um *corpus* sobre crenças e atitudes linguísticas em oito cidades paranaenses. Dessas cidades, seis estão localizadas na região de fronteira com a Argentina e/ou Paraguai (sendo elas: Santo Antônio do Sudoeste,

---

<sup>4</sup> Tradução do trecho: “Influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon e Guaíra) e duas estão localizadas no interior do estado (Ponta Grossa e Irati), sendo parte da pesquisa por se tratar de regiões em que há colônias de falantes de outras línguas.

Em cada cidade, foram realizados 18 inquéritos de acordo com as variáveis selecionadas (sexo, faixa etária e escolaridade), exceto em Foz do Iguaçu, onde se realizaram 36 inquéritos devido ao número de habitantes da cidade.

Os inquéritos foram realizados a partir de um questionário dirigido, que continha questões relacionadas à língua do falante, às línguas faladas na cidade, à sua interação com o outro e à maneira como ele vê o outro. Buscou-se, com o questionário, apresentar tópicos de modo a estimular o informante a apresentar informações que indicassem crenças e atitudes linguísticas.

O material coletado resultou em um *corpus* bastante extenso, tendo sido os inquéritos gravados, transcritos e revisados pelos participantes do Projeto CAL. O material gravado e transcrito foi então disponibilizado em forma de CD-ROM.

Especificamente com relação à cidade de Foz do Iguaçu, é importante destacar a convivência entre indivíduos com línguas e cultura diferentes, seja pela relação de fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, seja pela presença de grupos étnicos diversos na cidade, ou ainda pelo tráfego de turistas que a cidade possui.

Na Figura 01, há uma representação dos limites entre as cidades de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazu e Ciudad del Este, respectivamente situadas no Brasil, Argentina e Paraguai.

Figura 01: Tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai



Fonte: CEPEN, 2016.

Ressalta-se que o questionário foi desenvolvido pela equipe do Projeto CAL e contempla questões direcionadas à identificação e exploração das crenças e atitudes linguísticas dos informantes. O questionário aplicado na cidade de Foz do Iguaçu contou com 57 questões, separadas em quatro grandes grupos temáticos. O primeiro grupo de questões buscou a identificação do informante, a língua que ele e seus antepassados, como pais e avós, fala(va)m. As questões seguintes buscaram identificar se o informante conhecia outras línguas utilizadas na cidade e se sabia algum exemplo dessas línguas. A terceira parte do questionário foi voltada à averiguação sobre o que os informantes pensavam das outras línguas, comparando-as. E as questões finais estavam voltadas para a identificação de como os informantes interagem com as outras línguas.

Como a análise empreendida está pautada em no uso do operador “até porque”, apesar de as questões serem parte importante da análise, optou-se por utilizar como critério a utilização do operador e não a ocorrência de determinada pergunta. Assim, o operador apareceu em resposta dos informantes aos seguintes questionamentos: 1. Você poderia dar um exemplo de como os árabes falam?; 2. Qual é a mais bonita?; 3. Poderia dar um exemplo de como falam os chineses?; e 4. Essas línguas são feias ou bonitas?.

Feitos esses apontamentos com relação à realização do projeto e à constituição da cidade em que os inquéritos analisados foram coletados, reitera-se que foram avaliadas quatro unidades discursivas articuladas pelo uso de “até porque”.

### **“ATÉ PORQUE” NO *CORPUS***

A utilização de “até porque”, além de anunciar uma justificativa apresentada no enunciado, dá ênfase à explicação inserida, por se tratar de um argumento que justifica uma porção textual anterior a ele. No *corpus* selecionado para a investigação proposta neste artigo, verificou-se a utilização dessa construção em quatro unidades discursivas. Usamos aqui o termo unidade discursiva conforme proposto por Castilho (2014). Para o autor, “um texto é constituído por um conjunto de unidades discursivas: os parágrafos na língua escrita e as ‘unidades de ideia’, ‘unidades informativas’, ou simplesmente ‘unidades discursivas’ na língua falada” (CASTILHO, 2014, p. 74).

Na unidade discursiva 01, “até porque” introduz um argumento em forma de justificativa da caracterização sobre a dificuldade de o falante entender o árabe.

Unidade Discursiva 01

INQ.- Você poderia dar um exemplo de como os árabes falam?

INF.- É enrolado.

INQ.- É enrolado? Não dá pra entender?

INF.- Não, até porque eles falam muito rápido, para eles eu acho que é natural, mas pra gente...

A escolha de “até porque” nesse enunciado demonstra uma opção do informante na constituição do seu argumento, com o objetivo de enfatizar a razão pela qual acredita que a fala dos árabes é enrolada. Para ele, o fato de falar muito rápido torna a língua enrolada, em comparação com a maneira como os brasileiros falam, por exemplo. Há, em “até porque eles falam muito rápido [...]”, um enunciador que aponta como verdade o fato de ser muito rápido e, na sequência, a esse se alia outro enunciador que traz a visão da língua árabe para falantes brasileiros, confrontando a forma como um e outro falante utiliza sua língua. A inserção desses enunciadores constitui um jogo argumentativo em que se baseia a crença do informante, pautada na sua visão do outro e na comparação entre brasileiros e árabes.

Dessa forma, é possível identificar que a utilização desse operador, nesse enunciado, serve para acionar a crença do informante de que a sua própria língua é mais fácil de entender e que a fala do outro, no caso, do árabe, é mais difícil. É por isso que o informante imprime à sua argumentação características negativas quanto ao árabe, demarcando seu posicionamento.

A unidade discursiva 02 constitui exemplo de algumas das situações geradas nos inquéritos em que o informante deve se posicionar de forma negativa com relação a determinada língua. O informante busca preservar-se diante do que é questionado e isso pode ser visualizado nesta unidade discursiva, em que o informante opta por uma alternativa para se posicionar sem parecer preconceituoso em relação a qual língua considera “a mais feia”. Isso acontece a partir da inserção de “até porque” na sua justificativa, na busca de um abrandamento da sua crença.

Unidade Discursiva 02

INQ.- E a mais feia?<sup>5</sup>

INF.- Guarani.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah, eu não sei dizer o porquê que eu acho mais feia, mas só é feio, até porque, além de ouvir, a gente você vê eles conversando, daí você visualiza, eu não acho legal.

---

<sup>5</sup> Ressalta-se, sobre essa construção, que a pergunta que direciona a unidade discursiva, embora permeada por preconceito, foi realizada pelos inquiridores do Projeto CAL, pautados em um questionário direcionado e aplicado da mesma maneira nas cidades em que o Projeto foi desenvolvido. Portanto, buscou-se não manipular os dados e avaliar, inclusive, uma questão que solicita um posicionamento do informante com relação à língua que ele considera como “mais feia”.

Na construção do argumento disposto na unidade discursiva 02, verifica-se a utilização do operador “até porque” em combinação com “além de”, que insere um novo argumento que reforça o utilizado pelo informante para classificar o guarani como a língua mais feia. Para o informante, ver e ouvir um falante de guarani é feio, não é legal. Essa declaração, pautada em enunciadores que têm suas asserções somadas no objetivo de caracterizar o falante de guarani, demonstra a existência de um enunciador que demarca sua crença quanto a esse falante, de maneira negativa.

Outro caso em que “até porque” é utilizado para apresentar uma justificativa para a resposta do informante ocorre na unidade discursiva 03, que segue:

#### Unidade Discursiva 03

INQ.- E os chineses? Poderia dar um exemplo de como falam os chineses?

INF.- Não, chineses não. Não saberia, até porque acho que eles usam o mandarim né. É o mesmo né? O chinês, o coreano e o japonês, né? Não, não sei nenhuma palavra.

Nessa unidade discursiva, a utilização de “até porque” aparece para ressaltar a declaração de que o informante não saberia dar exemplos de como falam os chineses. Para isso, aciona-se um enunciador do plano do pressuposto, que demonstra que o informante não conhece o mandarim.

De tal forma, inserir o “até porque” para a sua justificativa de não conhecer a forma como os chineses falam demarca um reforço quanto a esse desconhecimento. Ao acionar enunciadores para demonstrar que o mandarim é uma língua que ele não conhece, o informante deixa implícito que se trata de uma língua bastante diferente do português, a língua que domina.

Essa justificativa para o não conhecimento de outras línguas, ou classificação como pior que o português, baseada na diferenciação entre essas línguas, aparece recorrentemente no corpus. É recorrente, na fala da maior parte dos informantes, a preferência pelo português e, portanto, a atribuição de atitudes negativas baseadas na crença de que o português é melhor ou mais fácil. Isso acontece principalmente em relação a línguas como o chinês, japonês e árabe, por se tratar de línguas que têm um sistema linguístico completamente diferente do português.

O “até porque” é utilizado, na unidade discursiva 04, para expressar escolhas geradas pelo informante e pautadas em enunciadores voltados para tais escolhas:

Unidade Discursiva 04

INQ.- E essas línguas que falamos, árabe, japonês, jopará, espanhol, você acha que elas são feias ou são bonitas? Tirando o português.

INF.- Eu acho bonito, muito bonito. O árabe, o espanhol. O chinês muito não, porque é muito complicado, sabe. Mas o árabe e o espanhol eu gosto de ouvir as pessoas falar, pelo menos tá falando ali, mesmo que a gente não entenda nada, né. Mas o espanhol eu acho importante, acho bonito, até porque<sup>6</sup> é uma língua de domínio.

Diferentemente das unidades discursivas anteriores, em que os informantes acionam enunciadores a partir do uso de “até porque” para demarcar posicionamentos negativos quanto às línguas de que tratam, nessa unidade discursiva, há a utilização de um posicionamento argumentativo positivo em relação ao espanhol. Para o informante, há duas línguas que considera bonitas, que são o árabe e o espanhol, e que são comparadas com o chinês, classificado como complicado, portanto, caracterizado negativamente.

Ao construir seu argumento utilizando, anteriormente, o operador “mas”, em “Mas o espanhol eu acho importante, acho bonito”, o informante aciona um enunciador que diminui a importância das outras línguas citadas e abre espaço para uma argumentação positiva em relação a essa língua. Ser importante e ser bonita são caracterizações que subsidiam a ideia seguinte, de que se trata de uma língua de domínio. De fato, a ênfase está no apreço e domínio da língua em muitas regiões do mundo, e a crença do informante de que se trata de uma língua mais importante do que as outras pode, inclusive, estar pautada na sua vivência com o espanhol na região de fronteira com Paraguai e Argentina. Trata-se, portanto, da experiência do informante servindo de base para a construção do seu argumento e do seu posicionamento.

Provavelmente o uso de “até porque” registre mais formas de se lidar com os próprios embates para a interação face a face que os inquiridos proporcionam. A semiestruturação do questionário provoca uma comparação contínua nos informantes, que os leva a refletir, mesmo sob pressão da entrevista, não só sobre a língua, mas também sobre o entrecruzamento de culturas, em sua maioria voltadas para um histórico de reorganização geoespacial e turística<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Essa utilização de “até porque” apresenta correlação com o sentido de “sobretudo”, na unidade discursiva selecionada.

<sup>7</sup> Como o *corpus* foi constituído por questões voltadas à avaliação de crenças e atitudes linguísticas dos informantes, ressalta-se que, por vezes, as questões lançadas pelo inquiridos durante a realização do inquirido podem ter sido causadoras de constrangimento e, também, feito com que os informantes buscassem preservar-se diante das informações solicitadas.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os elementos “até” e “porque” são registrados, na gramática, como preposição (CUESTA; LUZ, 1971) e palavra denotativa de inclusão (CUNHA; CINTRA, 2001), no caso do primeiro, e conjunção explicativa (CUNHA; CINTRA, 2001), no caso do segundo. Combinados, eles podem exercer funções distintas se utilizados como “até porque” ou “porque até”. Com este artigo, buscou-se apresentar como ocorre a utilização da primeira dessas formas e qual o sentido gerado por essa combinação. Verificou-se que esse uso traz consigo o reforço no sentido de apenas um deles, mas que é diferente de se utilizar apenas o “porque”.

A utilização de “até” remete à presença de escala argumentativa em um enunciado, mas no caso de “até porque”, conforme visualizado nos exemplos, o “até” passa a ter a função de reforçar o sentido de “porque”. Nos recortes selecionados do *corpus*, verificou-se que os argumentos inseridos por meio do “até porque” são de cunho explicativo ou de justificativa, o que demonstra uma tentativa de dar ênfase ao argumento movimentado. Isso mostra que, ao elaborar sua fala a partir de suas crenças em relação às línguas abordadas, o informante aciona enunciadores de maneira a enfatizar o seu posicionamento, seja ele favorável ou não a determinada situação, utilização da língua ou falante.

De fato, o elemento analisado aparece enquanto demarcador de enunciadores que têm um direcionamento de explicação, e não de gradação, como o “até” poderia sugerir. Isso demonstra que a combinação desses elementos não mantém a característica dos dois elementos. Pelo contrário, o “até”, ao invés de gradação, funciona como um elemento que dá ênfase à constituição do argumento. Dessa forma, a partir da declaração do informante de que, por exemplo, não acha legal ver e ouvir o guarani falando na sequência do uso de “até porque”, tem-se a constituição de um argumento revelador da sua crença e que, conforme seleção do operador, acontece de maneira enfática.

O uso de “até porque” em quatro unidades discursivas coletadas em inquéritos realizados oralmente por meio de entrevista semiestruturada mereceu destaque por se tratar de uma combinação de operadores argumentativos que traz consigo o reforço de apenas um deles. Diferentemente de outros usos possíveis do “até”, em que se destaca a sua função argumentativa, a combinação com “porque” aparece para reforçar o sentido explicativo deste último elemento. Nas unidades discursivas avaliadas, verificou-se que os argumentos inseridos após esses operadores eram de cunho explicativo ou de justificativa. Assim, é possível afirmar que a combinação de operadores é utilizada no sentido de dar ênfase ao argumento movimentado. Isso demonstra que, ao elaborar sua fala a partir de suas crenças em relação às línguas que estão sendo

discutidas, o informante aciona enunciadores de maneira a enfatizar o seu posicionamento, seja ele favorável ou não a determinada situação, utilização da língua ou falante.

## REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CEPEN - Centro de Estudos de Políticas e Estratégias Nacionais. *América do Sul – sinopse sobre o Islamismo*. 2016. Disponível em: <http://politicasnacionais.org/index.php/artigos/409-america-do-sul-sinopse-sobre-o-islamismo> Acesso em: 18 abr. 2016.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUESTA, Pilar Vázquez. LUZ, Maria Albertina Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

DUCROT, Oswald. As escalas argumentativas. In: DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global Ed., 1981.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, William W. LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

**Data de Recebimento: 11/08/2016 | Data de Aprovação: 26/10/2016**